

4 SOBRE O VISÍVEL/INVISÍVEL NA CAPOEIRA ANGOLA

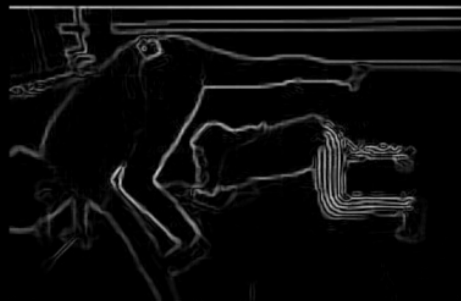
Em Movimento

Estar com crianças já é naturalmente estar em movimento. Brincadeira de Angola foi o que praticamos durante três anos, com sorriso no rosto, movimento no corpo e muitas descobertas. Cada um experimentando seus limites e suas possibilidades, e as diversas formas de ter prazer em estar com o outro, emanando e recebendo energias. Um exercício relacional que se faz constante no jogo da Capoeira Angola, onde os princípios dessa arte, aqui discutidos, se fizeram presente nas atividades e nos corpos, nos encantos e mistérios do corpo que sente a si mesmo e sente o outro, nessa linha tênue que nos aproxima e nos afasta constantemente no jogo da capoeira, nos permitindo criar posturas e atitudes que dizem sobre nós e sobre a história, sobre a cultura e a arte afro-brasileira. A beleza dos diversos corpos em movimento foi capturada com muita maestria por parte das crianças. As imagens revelam o envolvimento que tiveram com ambas as linguagens, a Capoeira Angola e a Fotografia. Em parceria com a artista visual Ivana Lima, descobrimos, no programa Photoshop, maneiras de exibir as produções, de forma que os educandos se sentissem contemplados, pois a manipulação de imagens em computador era um desejo deles, que se tornou um aprendizado para ambos, educadora e educandos.



EM MOVIMENTO

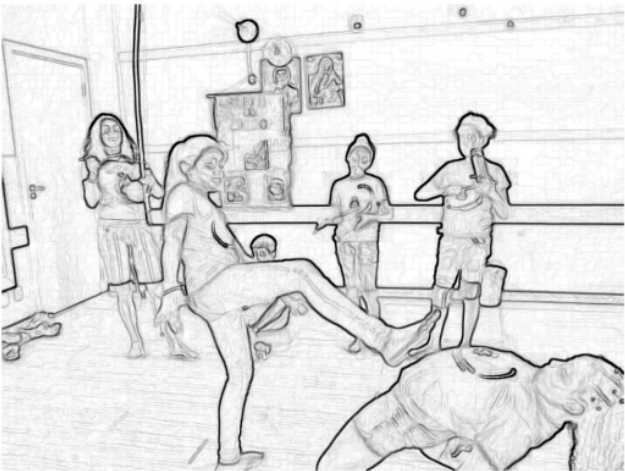
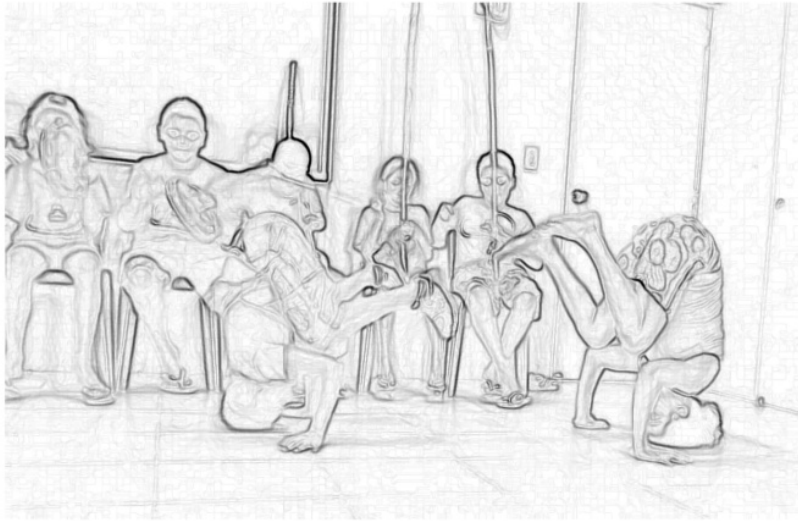
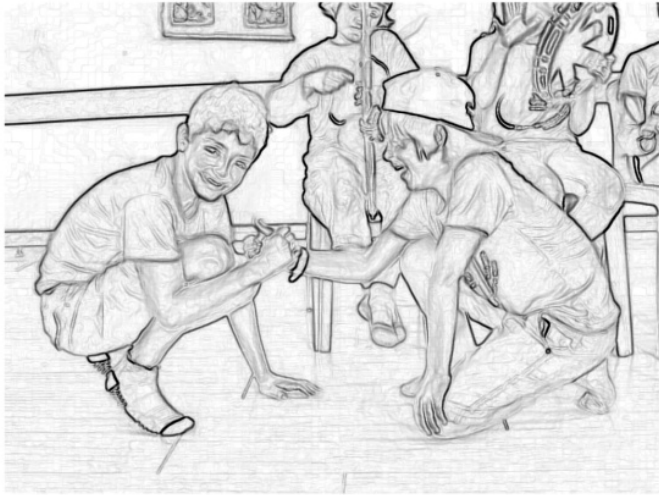
Corpos Di Versos











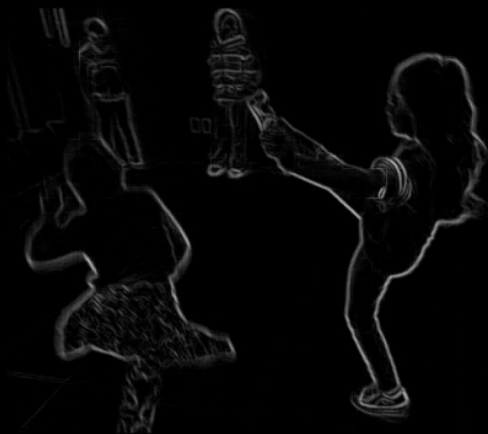
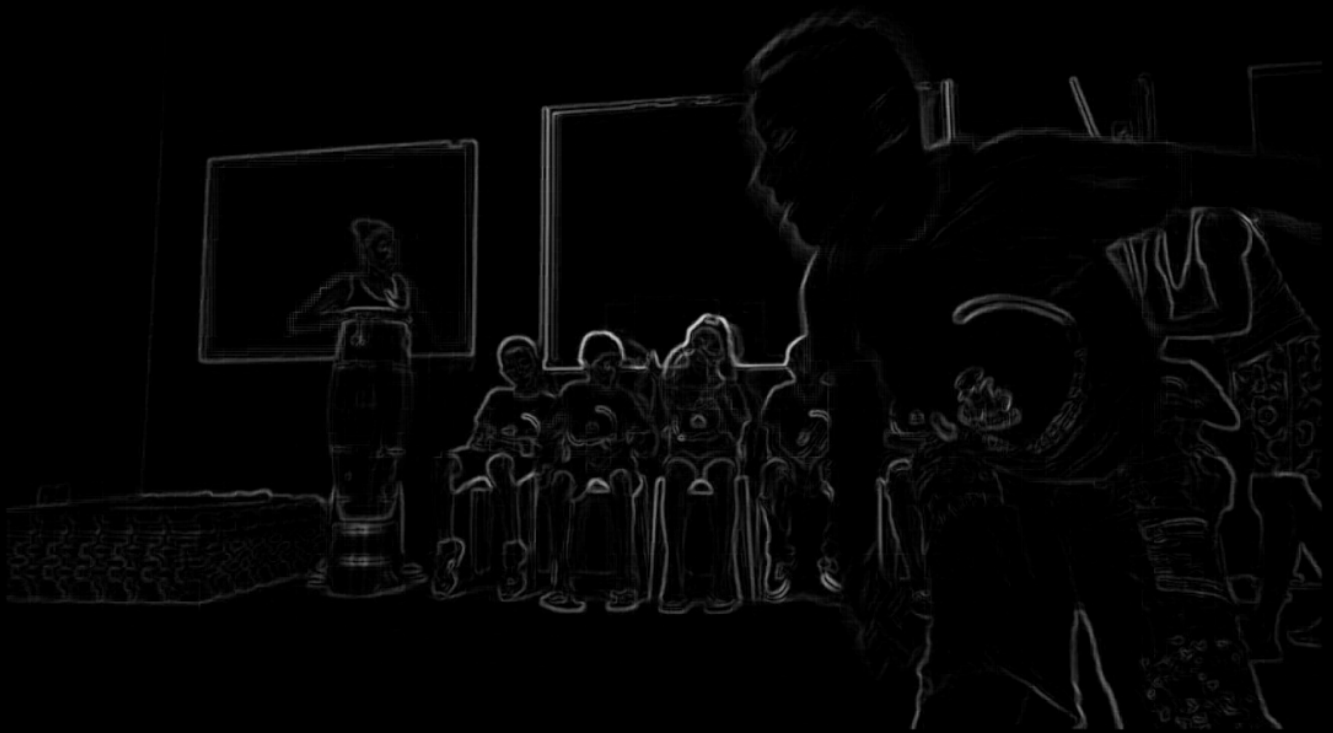




**VAI VOCÊ VAI VOCÊ
DONA MARIA COMO VAI VOCÊ
JOGA BONITO QUE O POVO QUE VÊ
DONA MARIA COMO VAI VOCÊ
JOGO DE ANGOLA QUE EU QUERO APRENDER**



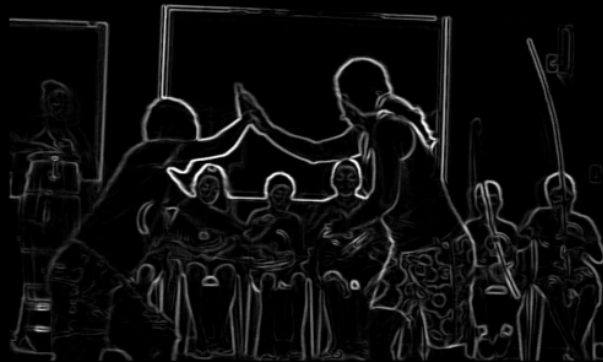




















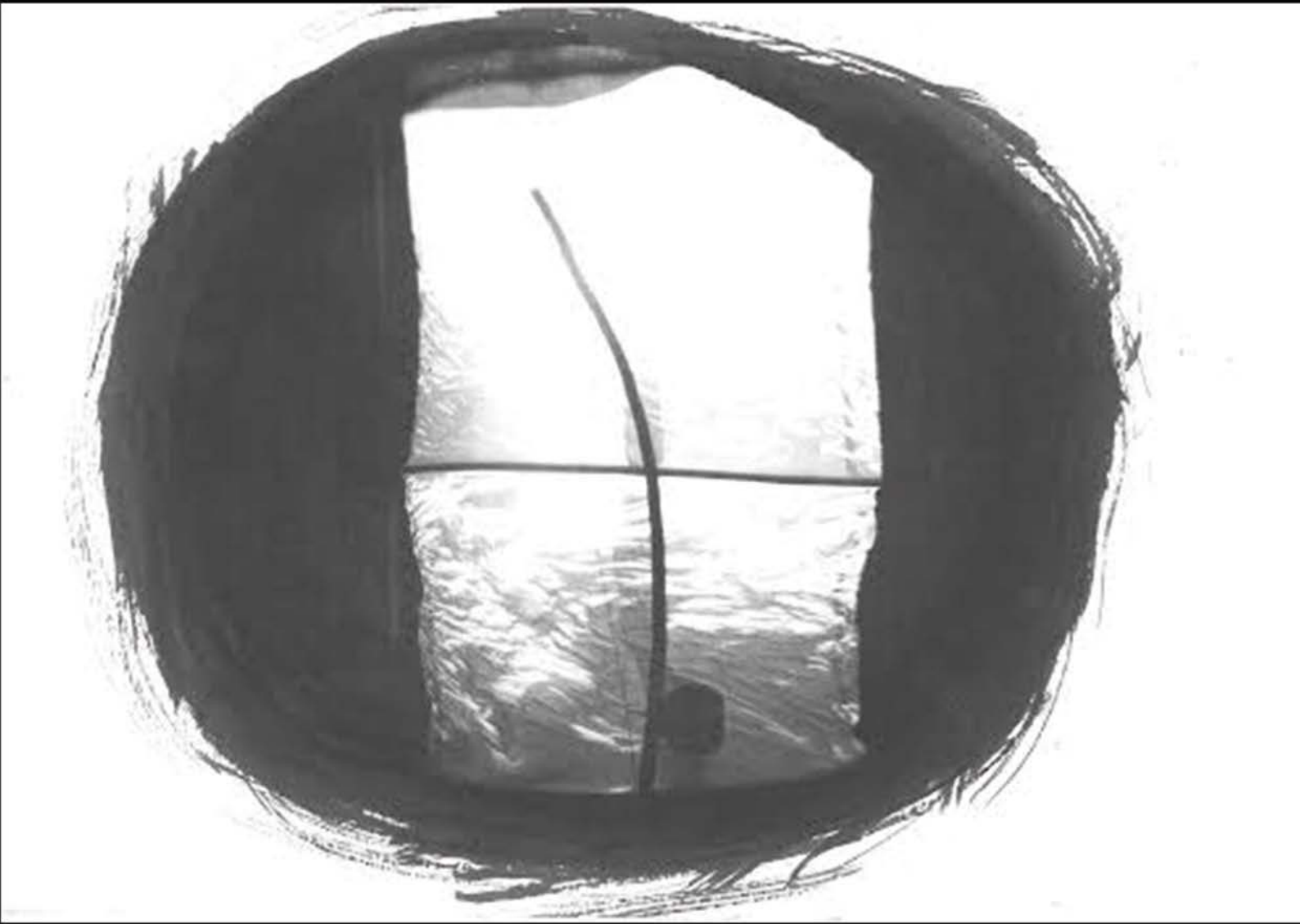


Teu Corpo Meu

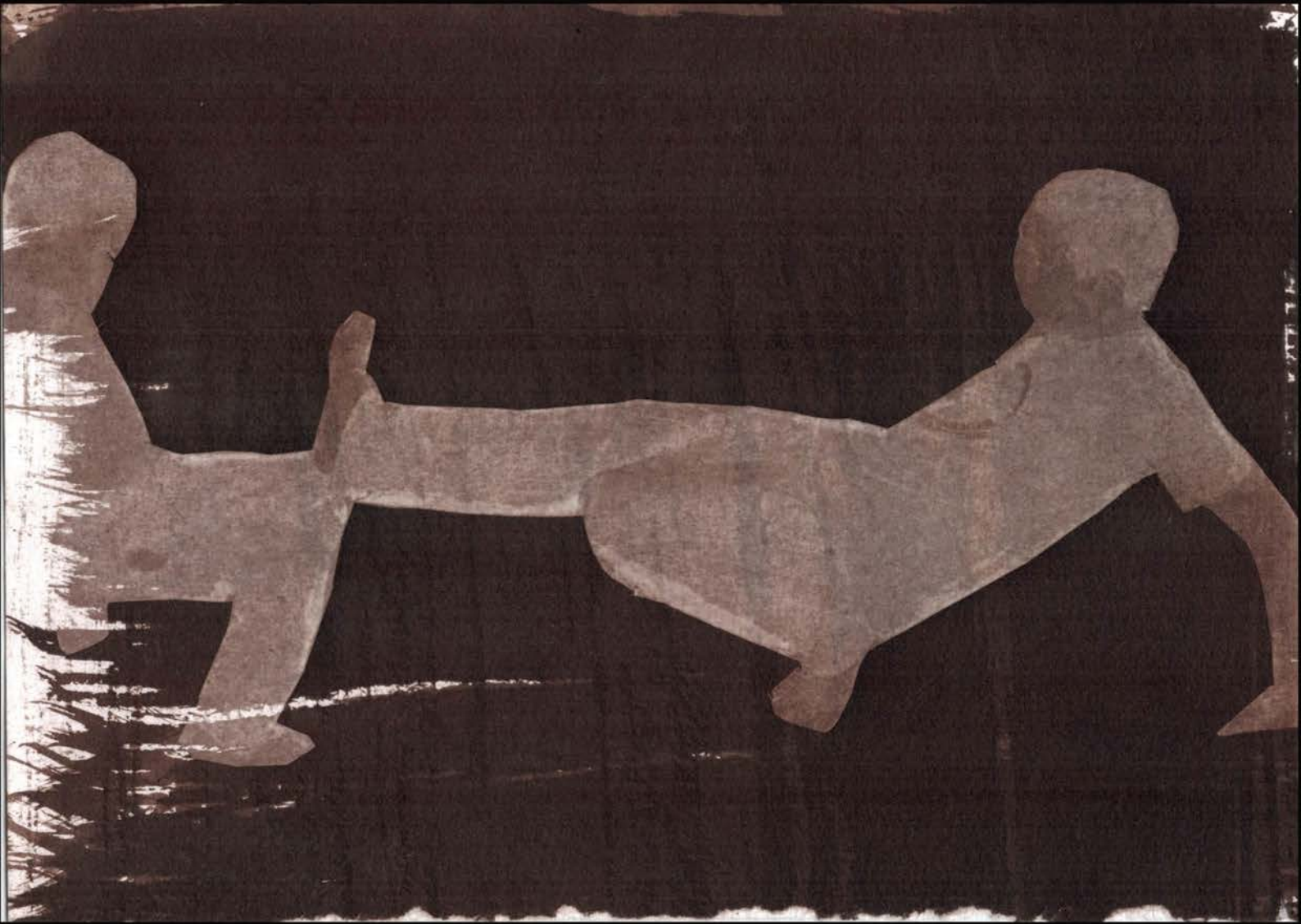
Cuidar do corpo do outro como se fosse o meu próprio, ensinamentos do Mestre Pastinha, faz do Teu corpo Meu. Como já dizia Mestre João Pequeno: “O capoeirista para bater não precisa encostar o pé. Ele deve ter seu corpo freado, manejado para quando ele levar o pé e vê que o adversário não se defendeu, ele frear antes do pé encostar. Porque quem tá de parte vê que não bateu porque ele não quis. Então para bater não precisa dar pancada no adversário”. Filosofia da Capoeira Angola, que abre espaço para os corpos brincantes, advertindo sobre o perigo, mas se abrindo para o lúdico, para o estar com o outro de forma criativa e prazerosa. Como diz a cantiga da capoeira:

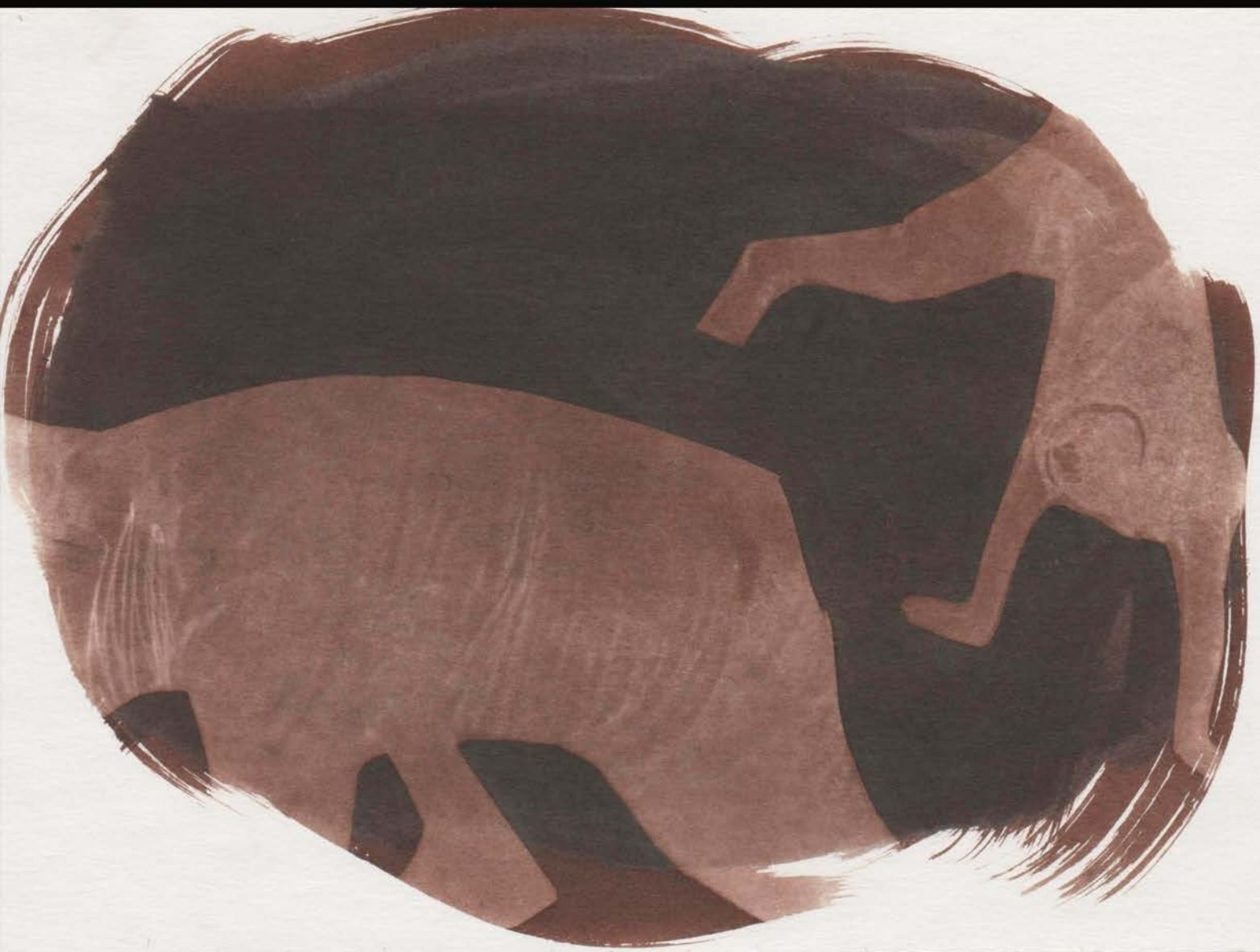
Vem jogar mais eu
Vem jogar mais eu mano meu
Vem jogar mais eu meu irmão
Olha vem vadiar mais eu irmão meu
Vem jogar mais eu
Vem jogar mais eu mano meu
Nesse jogo de Angola meu irmão
Olha vem brincar mais eu irmão meu

A produção aqui realizada teve como base as imagens feitas pelos educandos. Nesse momento, crio imagens a partir das técnicas Van Dyke e Quimigrama. Um fazer que me encanta, assim como me encanta a capoeira, o que me remete à possibilidade “de brincar”, de experimentar criar imagens sem câmeras, como nos diz o princípio da *fotograficidade*.



Técnica: Van Dyke



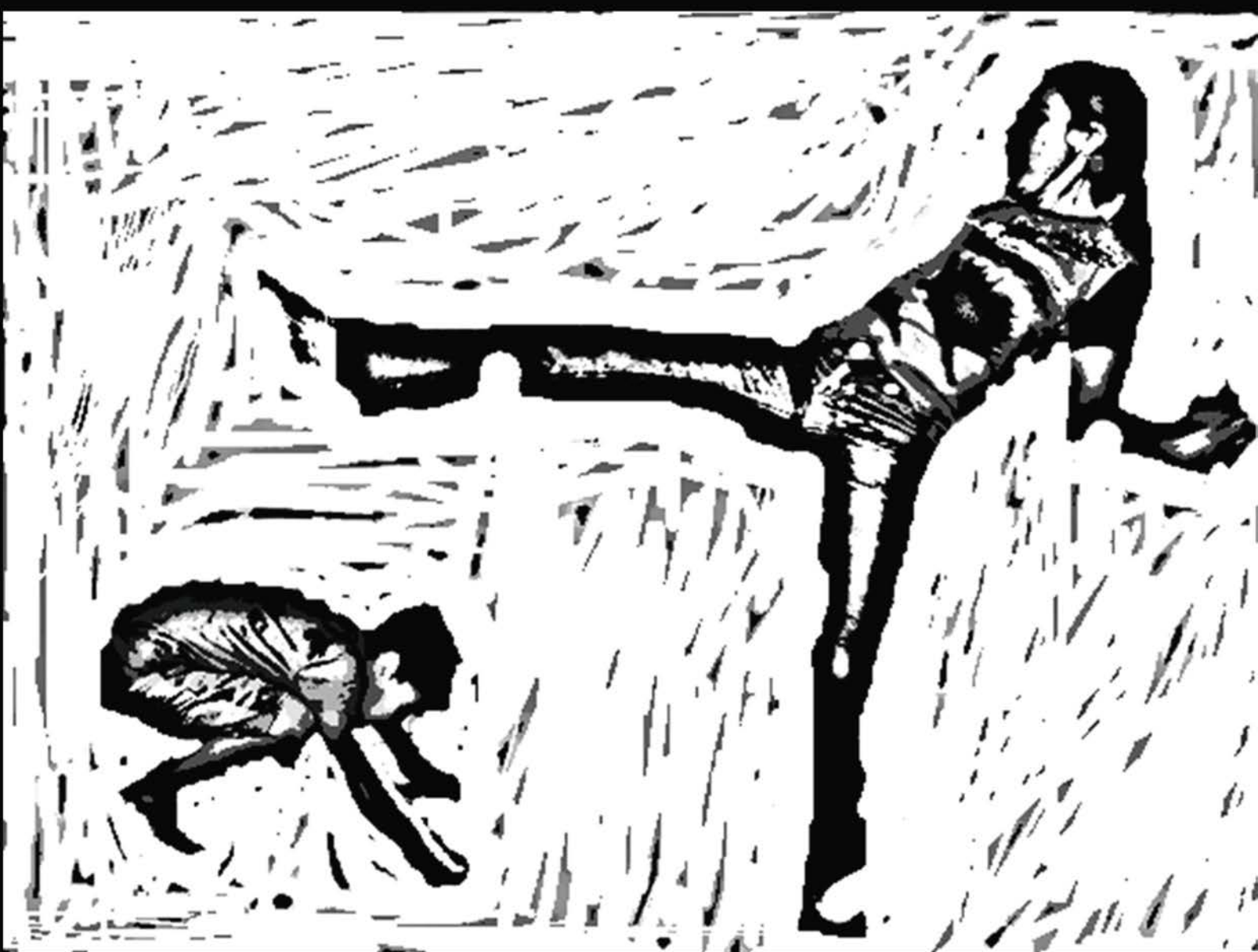




Técnica: Quimigrama











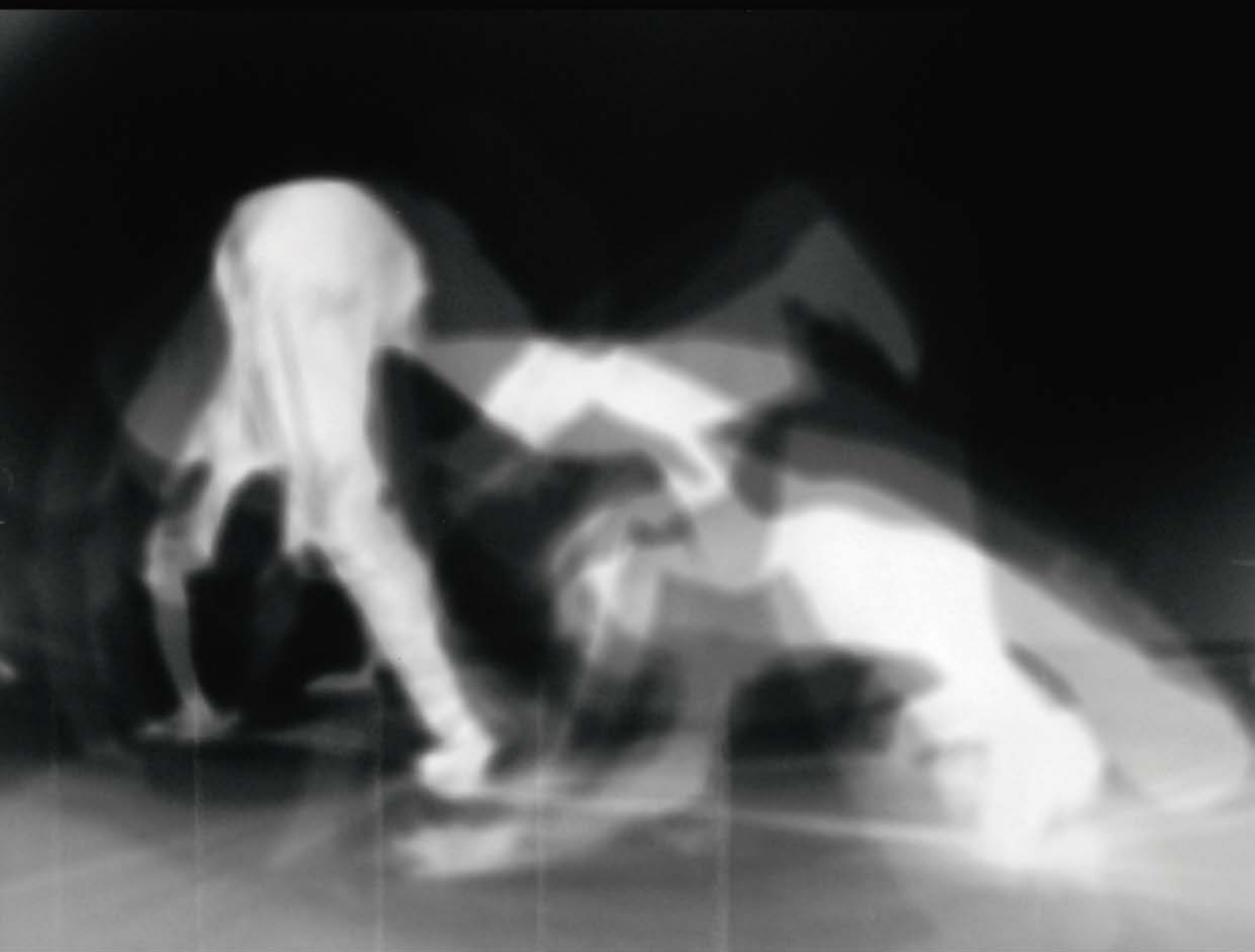
Corpos Di Versos

Sempre me inquietou a questão de mostrar a capoeira, o movimento que nela sinto, que dela carrego no meu corpo. Capoeira é movimento. Pensar como sentem os corpos esse movimento, como se move o corpo entre um movimento e outro da capoeira, foi uma busca durante esses anos da pesquisa, que me trouxe outra vez para as técnicas artesanais da fotografia. Foi a partir da técnica pinhole que “encontrei” o meu corpo-capoeira, corpos que emanam energias, as mais diversas, não palpáveis, mas possíveis de serem sentidas, percebidas pela alma. Foi um fazer coletivo, assim como é a capoeira. Precisei de um parceiro para jogar, assim como alguém para operar a câmera pinhole, para que eu pudesse estar no jogo, desenhando com a luz e com o meu próprio corpo, os movimentos dessa arte. Amigos capoeiristas e fotógrafos, entrando comigo nessa roda, um fazer compartilhado, o que me traz sempre muito prazer. Para compor a série “Corpos Di Versos”, me utilizo de diferentes autores, filósofos e escritores, acadêmicos e populares, que falam sobre a Capoeira Angola, sobre a arte do corpo, sobre a beleza e os ensinamentos da cultura afro-brasileira.



“Almas vibrantes em corpos orgulhosos, mesmo quando mutilados, andam de cabeça para baixo. Põe a cabeça no chão emparafusam-se nas coisas (conhecendo-as por dentro) e no giro, vão dando ideias subterrâneas que servem de guias para a gente se transformar e encarar o mundo”

Mestre Canjiquinha





“Capoeirista não é aquele que sabe movimentar o corpo, e sim aquele que se deixa movimentar pela alma.”

Mestre Pastinha





*“Só quando danço me liberto do tempo: esvoaçam as memórias,
levantam voo de mim.”*

Mia Couto





“A cultura é um corpo que se movimenta.”

Eduardo Oliveira





“somos bailarino, um homem que vive a arte da capoeira é como artista sincero, somos do trabalho de todas as profissões, ‘(...)’ o que tenho em meu corpo é a minha arte.”

Mestre Pastinha



6 Segundos

Seis segundos, foi como chamei a série que realizei, buscando, outra vez, a questão do movimento. Ao final, exponho uma folha contata com o processo de experimentação com a imagem, o que resultou na série. Todas as imagens foram produzidas também com uma câmera pinhole, mas, dessa vez, diferente da série anterior, usei uma lente na câmera pinhole, ao invés de somente um furo. Todas as imagens foram produzidas em 6 segundos. Pensar como são as imagens dos corpos na capoeira num período de seis segundos; como e em que velocidade meu corpo se movimenta na capoeira; como apreender a fugacidade do corpo nesse movimento; Foram questões que me instigaram, enquanto fotógrafa, a produzir imagens do meu corpo-capoeira. Um desejo que se inicia, especialmente, com o registro desse corpo pelos educandos nessa pesquisa. A minha paixão pelo movimento, em especial o da Capoeira Angola, a ginga, assim como também outros, presentes em diversos tipos de danças e no próprio ato de caminhar. É como se o meu corpo sentisse muita necessidade de movimento para “dar conta” de viver, de ter alegria para suportar as agruras da vida, para dissolvê-las em mim - pela velocidade do movimento, me tornando um corpo “esfumaçado”, inapreensível em imagem, que faz e se desfaz em segundos - fazendo-as se dissiparem ao vento, abrindo espaço para minha animalidade, para a criança que existe em mim, para a alegria poder penetrar e me curar.













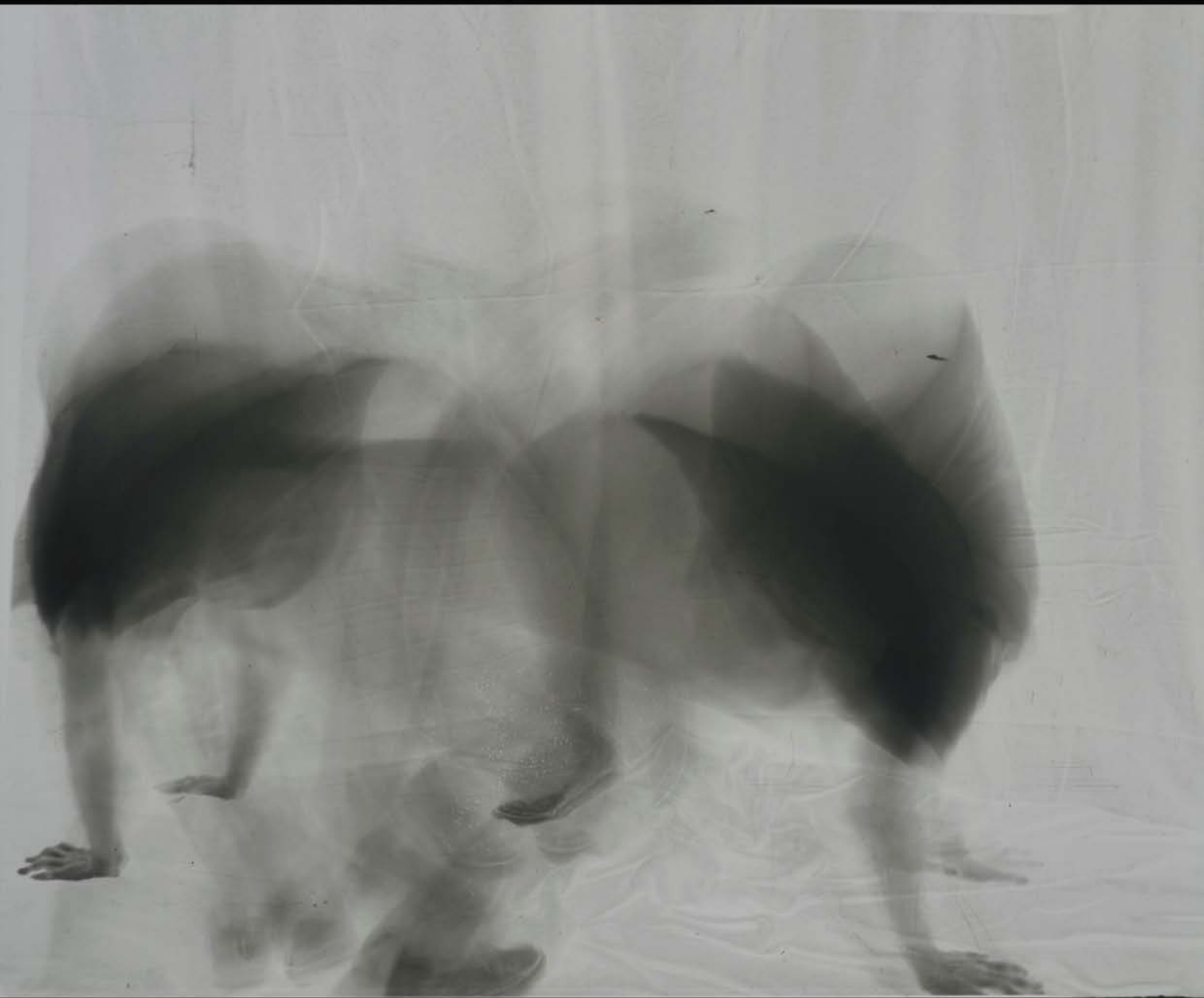




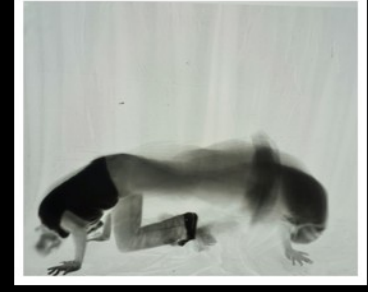
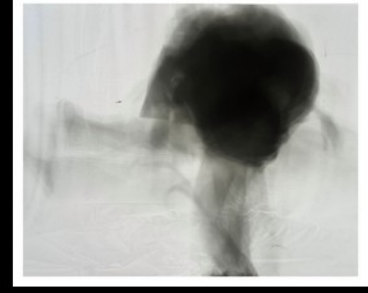
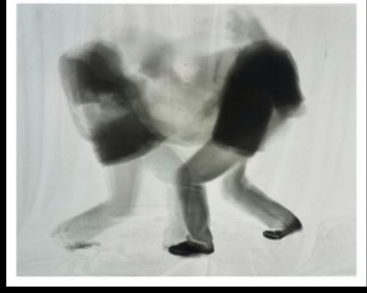
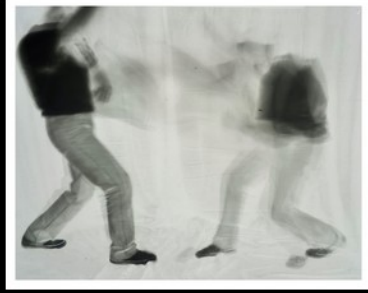
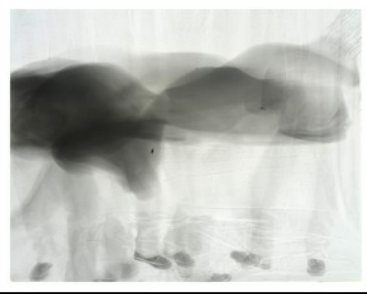
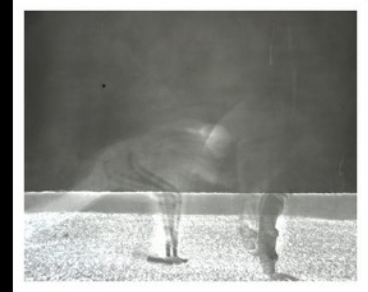
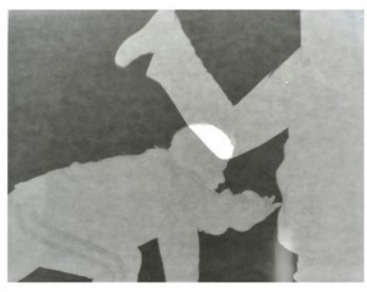
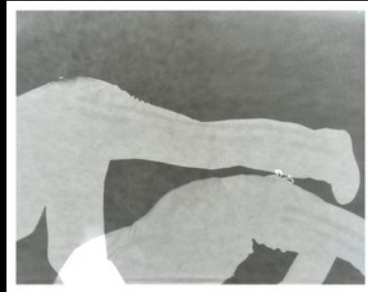
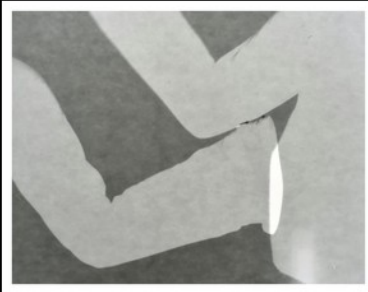












CONCLUSÃO – FECHANDO A RODA: UMA PREPARAÇÃO PARA A PRÓXIMA

Toda roda de Capoeira Angola é sempre uma preparação para a próxima. Já não lembro exatamente quem foi o Mestre que me falou essa frase, mas ela ressoou em mim, me trouxe inúmeras reflexões. A experiência, sob o prisma do relacional entre os corpos nesse jogo, que nos permite fazer a analogia com o que cada roda traz de ensinamento, como no relato que fiz sobre a trajetória do meu corpo no percurso da pesquisa, onde todas as situações, movimentos e sensações se encontram mergulhadas nele, guardadas, mas acessadas imediatamente como conhecimento, como memória, como os próximos movimentos/atitudes, para tantas outras rodas. É essa continuidade da experiência que, na Capoeira Angola, conecta as experiências passadas e as que irão ocorrer, o que nunca se esgota, assim como nunca se esgota as formas de transmissão e nem as possibilidades de aprendizado a partir dessa arte, retomando aqui o Mestre Pastinha: “(...) seu princípio não tem método e seu fim é inconcebível ao mais sábio capoeirista”.

A pesquisa realizada foi mais uma “roda” que envolveu tantas outras passadas, e que irá envolver ainda as que virão. Essa “roda” intensificou conhecimentos em outra esfera, a intelectual, mas uma intelectualidade que me surpreendeu pela riqueza de pensamentos, relatos e pesquisas que descobri neste percurso, onde corpo e pensamento se fazem uno, onde prática e teoria não se apartam, assim como não se aparta o corpo do espírito na capoeira, nem o jogo da luta e da dança, nem mesmo as energias positivas das negativas, assim como na pequena, na grande roda também. A arte em questão é uma arte de luta, não necessariamente física, e também é, mas acima de tudo, uma luta simbólica por direitos, de ser, de pensar, de desejar, de crença, enfim, de poder (re)existir, que passa, especialmente, pelo respeito ao outro, à diversidade cultural, social, histórica, cognitiva, epistemológica, subjetiva, e, por assim dizer, existencial.

Descubro nessa busca, para expressar o que sinto e vivencio com a Capoeira Angola ao longo de mais de vinte anos, que uma rica produção de conhecimento tem sido constituída sobre essa arte, que por muito tempo foi tão subalternizada academicamente a partir de seus Mestres e Mestras, contramestres, treineis, professores e demais praticantes, enfim, os angoleiros e angoleiras. Produção que faz jus ao que realmente se vivencia no universo da Capoeira Angola, com a profundidade de camadas existentes nessa prática, que abarcam a história, a memória, mas também a pele, o movimento, os afetos e desafetos, as sensações, a busca por liberdade, em diferentes âmbitos, pessoal e coletivo, construção de pensamento que se faz em consonância com o que se sente ao movermos o corpo, na levada do berimbau, na

ginga, no rabo de arraia, no rolê, no corrupio, na bananeira e em tantos outros movimentos dessa prática, que nos ensinam as diferentes formas de educar da cultura afro-brasileira, que na pesquisa em questão encontrei sentido a partir da cosmovisão africana, abordada especialmente por Oliveira (2006).

Nesse processo de pensar/sentir a Capoeira Angola, coloco em questão, como tese, a espacialidade entre os dois jogadores como sendo um processo onde se aprende a ser ético. O direcionamento que é possível se dar para a prática da capoeira, que está diretamente pautada na forma de cada Mestre se relacionar com o outro, da visão de mundo e posicionamento político que assume, o que faz toda a diferença no jogo que estimula e pratica, em que se busca jogar com ou contra o outro. É uma complexa relação que nos traz realmente a possibilidade de fazer a analogia entre a roda de capoeira, a pequena roda, e o que vivenciamos em sociedade no dia a dia, a grande roda. Essa complexidade se faz presente nas forças e contradições que nos regem dentro da nossa sociedade.

Por mais que sejamos persuadidos pela oralidade de diversos Mestres da capoeira, que estimulam esse jogar com e não contra o outro, como pregava o Mestre Pastinha, assim como também o Mestre João Grande e o Mestre João Pequeno, quando falam sobre o freio de corpo, fazemos parte de uma sociedade extremamente competitiva, onde os espaços que ousam estabelecer relações éticas e solidárias, como são os espaços da capoeira, serão também sempre espaços de tensão, embate, de posicionamentos divergentes, em que temos que driblar, encarar e nos relacionarmos com o nosso próprio ego e com o dos outros, o que passa pela assunção ou não da complexa postura ética, a ética dos corpos, no jogo e na vida. “É o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditório) de suas determinações relacionais” (CERTEAU, 1998, p.38).

Na efemeridade dos movimentos no jogo da Capoeira Angola o corpo e o pensamento são um só, o sentir, o pensar e o agir estão simultaneamente acionados, não é possível pensá-los em separado, estão conectados, mostrando o eu. Dessa forma, a percepção corporal é bastante estimulada, o sentir o outro nos permitindo vibrar nessa relação, se relacionar com esse outro, trocar energias, a partir de uma base de movimentos, que responde ao outro corporalmente. Pensar no nosso corpo como reflexo das experiências vividas, que precisam ser expressas para possíveis reflexões e percepções sobre si mesmo, sobre o outro e o entorno vivenciado. Corpos impregnados de muitas sensações ou também da ausência delas. Por meio do jogo da Capoeira Angola, colocar o ensino e aprendizado dos movimentos como brincadeira, como um faz de conta em relação aos golpes, onde sempre tem que haver um

espaço físico, ou sensorial, entre os dois jogadores, que é também espiritual, de respeito pelo outro, pelo espaço corpóreo do outro. Como na cantiga do saudoso Mestre Moa:

Segue a Capoeira Angola
Revolucionando
Seu espírito de luta
Vai civilizando

Quando toca
Quando toca
E a roda vai girando
Abençoa
Abençoa
Os angoleiros vão brincando

Quando toca é pura alegria
Os olhos da gente brilha

É ginga, é dança, num movimento de equilíbrio, onde “Há duas espécies de equilíbrio corporal: o puramente mecânico, de um sistema físico; e um outro que o movimento e a consciência introduzem no corpo. O movimento dançado nasce da colaboração desses dois equilíbrios” (GIL, 2001, p. 19). E o autor completa o pensamento quando diz que “O corpo que a dança torna instável não é um sistema mecânico. Que tem ele a mais que um corpo físico não tem? O espírito e a sua energia” (GIL, 2001, p. 26).

Aprender através do corpo é uma constante no jogo da Capoeira Angola, como uma linguagem da arte-educação, traz o sentido ao qual Gil nos coloca tão bem quando fala da dança:

Sai deliberadamente da postura do homem comum para se colocar desde o início na dificuldade: desequilibra-se, procura as situações instáveis que produzem esse movimento da evolução da criança entre o gatinhar e o estar de pé. Repete a ação infantil, mas agora a partir do equilíbrio aprendido. E é isso que muda tudo. Notemos que esse pequeno deslocamento marca o nascimento da arte, ou pelo menos a sua possibilidade. Deixando de adoptar uma postura natural, o corpo dá-se um artifício, faz-se artificial: pode doravante tornar-se imagem, quer dizer matéria de criação de formas (GIL, 2001, p. 24).

Esse pensamento faz-se presente no corpo que expressa, corpo que diz, corpo que sente, um corpo arte, corpo que aprende a ver a si mesmo e ao outro no jogo da Capoeira Angola, a estabelecer relações, o que se estende para a vida, para além da roda de capoeira.

É dentro do sistema vigente que lidamos diariamente com os nossos corpos. Um sistema em que o poder pretende dominar o corpo, a partir da demanda biopolítica, para nos transformamos em máquinas, ou nos imobilizarmos pelas inúmeras pressões e opressões às

quais somos submetidos diariamente, que nos causam stress, medo, pânico e dor, nos fazendo adoecer. “Ela dizia que parecemos esquecer que temos um corpo e que o corpo tem um ritmo. Lembrou que o capitalismo faz de nossos corpos, máquinas” (OLIVEIRA, 2007, p. 80). Na continuação do relato, a possibilidade de fazer uma analogia e reflexão sobre o corpo-capoeira, “(...) testemunhou que viveu uma semana difícil, e que ao entrar em contato com a música e com a dança sentiu imediatamente os efeitos no corpo. Chegou desanimada. Saiu harmônica” (OLIVEIRA, 2007, p. 80). Ao mesmo tempo em que a capoeira pode reproduzir esse próprio sistema opressor, nos fazendo lutar contra o outro, e dessa forma contra nós mesmos, pode também ser um exercício de liberdade, de prazer de estar com o outro e com o próprio corpo, aliviando as tensões do sistema vigente, criando mundos.

Nessa perspectiva, para além do corpo arma do período da escravidão, o poder anímico e libertador da capoeira foi um importante elemento que, acredito, não deixou esse povo e essa arte sucumbir. A alegria e vitalidade que o movimento traz para os corpos, assim como o jogar com o outro, ter prazer de estar nesse jogo, é, como diz na canção do Mestre Moa, revolucionário, pois da capoeira só se esperava, para desonrá-la, a violência. Nela se encontra prazer corporal e espiritual, é uma espécie de exercício e pedagogia curativa também, sinto isso a partir do meu próprio corpo, como membro de uma família com histórico de depressão. A capoeira como uma das várias possibilidades criadas na perspectiva da encruzilhada que “não é reivindicada para negar a presença da modernidade ocidental, mas para desencadeá-la do seu trono e desnudá-la, evidenciando o fato de que ela é tão parcial e contaminada quanto as outras formas que julga” (RUFINO, 2019, p. 18). Assim como no próprio jogo da Capoeira Angola, onde se busca jogar com, e não contra, o outro, podemos aqui relacionar a ideia de cruzo do autor com a passagem citada acima, quando diz que: “ele opera sem a pretensão de exterminar o outro com quem se joga, mas de engoli-lo, atravessá-lo, adicioná-lo como acúmulo de força vital”. (RUFINO, 2019, p. 18)

Os Mestres dessa cultura, os que prezam pelo jogar com o outro, são, com certeza, arte-educadores, que se mantiveram na marginalidade, negados nos seus processos cognitivos, banidos do âmbito da educação, porém formando e contribuindo para que essa linguagem, hoje, busque se afirmar como um campo do saber e arte. Uma das intenções dessa pesquisa é contribuir para o reconhecimento desses Mestres como formadores no campo da arte e da educação, e da Capoeira Angola como linguagem da arte. “(...) Os mestres de cultura são os grandes Mestres de educação. Eles têm a chave para aprimorar uma revolução educacional nas Américas” (CRAWFORD, 2016, p. 2). A pesquisadora americana, socióloga e professora da Universidade da Califórnia, fala em especial sobre a capoeira, da qual foi praticante

durante muitos anos, como uma mantenedora dos costumes e da cultura afro-brasileira, que estabelece um diálogo entre o presente e o passado ultrapassando as barreiras geográficas entre África e Brasil. O corpo negro, tão excluído dos espaços educativos ao longo da história, e que, hoje, ensina pelo próprio corpo, a partir da capoeira, para o mundo.

Tecem redes, a partir dos fios da história, para compreender um movimento corporal, artístico, cultural e político de resistência, transmitido basicamente de forma oral pelos seus mestres, guardiões da cultura popular, que se desenvolveu no período escravocrata brasileiro, marcado por dor e sofrimento, que são driblados pelos corpos que se movem no incessante jogo de viver. Fazem-nos entender o legado cultural presente na Capoeira Angola a partir do movimento do corpo e da oralidade. Corpo que responde com movimento de resistência à condição de opressão, afirmando culturas, modos de estar no mundo, por meio de belas e diferentes posturas e movimentos que não se deixam aprisionar pelos processos colonizadores, que desejam homogeneizar e impor posturas corporais. Com nos diz Frade (2017) sobre as culturas populares e a perpetuação de suas formas como processos de mobilidade, de resistência, um contínuo estado de atividade catalizadora.

“As práticas pedagógicas presentes na cultura popular parecem pressupor o estabelecimento de novas formas de racionalidade, que sejam capazes de apreender a lógica diferenciada que lhe é própria e dar-lhe significado” (ABIB, 2017, p. 26). Essa forma outra de “racionalidade” tem sido colocada no universo acadêmico, e assim como não somos um só na capoeira, mas sempre eco de todos que a compõe, me sinto muito feliz de poder contribuir com esse “coro acadêmico”, como fazemos na roda da capoeira. Agora, fazemos “coro” na tessitura acadêmica desse saber, o saber da experiência, o saber da Capoeira Angola. Dessa forma, faço minhas as palavras de Abib quando diz que:

Porém, decidi correr riscos, mesmo porque não acredito na neutralidade do pesquisador, e assumo a intencionalidade dessa investigação, que pelas características do objeto, exige uma aproximação com grandes doses de subjetividade, em que a sensibilidade, a experiência e a emoção devem se fazer presentes, sem as quais eu não teria qualquer chance de ter algo significativo a dizer sobre esse universo tão rico que é a cultura popular (ABIB, 2017, p. 30).

Nesse sentido, é necessária a afirmação da cultura popular como elemento de vital importância no campo da arte e da educação, rompendo com os preconceitos enraizados na nossa sociedade. “É preciso questionar essa fórmula de ver, destaca, porque ela serve principalmente a propósitos de persuasão e manipulação; não serve ao reconhecimento da vida popular e social, nem à relação com a arte ou a educação” (BARBOSA, 2015, p. 78). Pois sobre os Mestres de Cultura Popular, podemos dizer que: “Mais do que pessoas com o

“dom” da criação, esses artistas são intelectuais populares, que pensam sobre os problemas da realidade e participam ativamente dos embates culturais” (BARBOSA, 2015, p. 83). Descubro, nos manuscritos do Mestre Pastinha, entre outras pesquisas realizadas sobre a Capoeira Angola, em que encontrei entrevistas e relatos de vários Mestres, o quanto de intelectualidade está presente na fala deles, e por que não dizer o quanto de filosofia aí se faz presente. Saberes desqualificados e rechaçados, mas que, na tessitura de pesquisas e trabalhos de artistas e escritores, a valorização desse saber vai ganhando corpo, se constituindo e buscando, como se busca no jogo da capoeira a passagem, preenchendo os vazios deixados, ocupando-os com os saberes dos corpos políticos e poéticos dos capoeiras, que hoje já realizam suas próprias pesquisas.

Dentre os artistas que aqui na pesquisa foram apresentados e utilizados nas oficinas de Capoeira Angola e Fotografia, Pierre Verger, Marcel Gautherot e Carybé contribuíram de forma significativa para valorização desse saber da capoeira através de suas produções no campo da arte. A obra desses artistas me fez olhar para a produção imagética da capoeira a partir de outro momento da história, onde o preconceito em relação às manifestações afro-brasileiras era ainda mais gritante, não que isso tenha desaparecido, a estrada de luta é ainda muito longa, mas hoje, felizmente, há muito mais artistas, pesquisadores, professores e outros profissionais, em diferentes instâncias da sociedade, fazendo os mais diversos trabalhos nesse sentido de valorizar a cultura afro-brasileira.

Na palestra de Rubens Ricupero⁶¹ sobre Pierre Verger, por exemplo, ele afirma que, no início dos anos 1960 no Brasil, não havia nenhuma consciência sobre a importância das culturas africanas e afro-brasileiras, havendo apenas pouquíssimos pesquisadores que valorizavam e pesquisavam sobre isso, mas a população em si era completamente ignorante nesse sentido. Ele diz que Pierre Verger foi uma das pessoas que participou, desde o início, desse processo de valorização dessas culturas no Brasil, e aqui incluo também a participação de Gautherot e Carybé. Ele destaca também a importante participação da Universidade Federal da Bahia nesse processo. Diz que Verger tinha verdadeira paixão pela diversidade humana. A palestra de Rubens Ricupero foi realizada na recente exposição de Pierre Verger, *Todos Iguais, Todos Diferentes?*, que ficou em cartaz até 13 de outubro de 2019, no Museu da Imagem e do Som – MIS de São Paulo, a qual tive o prazer de ver. Na exposição, são exibidas as imagens da diversidade humana que ele fotografou ao longo da vida. Dentre os

⁶¹ Palestra de Rubens Ricupero sobre Pierre Verger. Acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=9LIEtuzHC7k>.

personagens fotografados, de vários lugares do mundo, está presente o retrato do Mestre Pastinha.

Olhar para a obra desses artistas, de forma mais sistematizada, nesse momento da pesquisa, me fez pensar sobre eles como, de certa forma, “ancestrais” na produção imagética sobre a Capoeira Angola. Durante a pesquisa, me debruço sobre essas imagens, sobre a qualidade técnica, sobre a beleza plástica, e, acima de tudo, a sensibilidade com a qual olharam para essa arte, esses saberes e fazeres, assim como para a beleza, mistérios e mandingas dos seus personagens. Essas imagens me fizeram pensar e refletir durante esses quatro anos da pesquisa sobre como poderia expressar os movimentos da capoeira, como poderia expressar o que penso/sinto no meu próprio corpo-capoeira, e descubro caminhos para assim fazê-lo.

Os educandos da Comunidade do Monte Serrat me fizeram adentrar no universo da manipulação de imagens no computador, diferentes gerações em diálogo, pois o universo da fotografia analógica e os fazeres tidos como artesanais da fotografia sempre foram a minha área de experimentação com essa linguagem, me restringindo, no fazer digital, a apenas fotografar com suas câmeras. Foram descobertas que me fizeram querer experimentar mais os processos e inúmeras possibilidades que os programas de tratamento e criação de imagens oferecem, uma possibilidade para “a próxima roda”. Passeio nesse novo universo com os educandos, mas retorno às antigas técnicas, para a minha produção individual, e foi lá que encontrei o meu corpo-capoeira, uma volta, quem sabe, a um certo tipo também de “ancestralidade” dessa linguagem. A pesquisa e a produção imagética me estimularam a querer experimentar a mescla entre esses fazeres e possibilidades de produção de imagens, que passeiam pelas diferentes técnicas, técnicas antigas que são atualizadas no movimento do contemporâneo. Nesse percurso, não produzo, mas descubro o fotofilme. A produção realizada nessa pesquisa me instiga a transformá-la em um fotofilme do corpo-capoeira, pois acredito que a pesquisa é sempre um percurso que não se encerra em si mesma, mas abre passagem para outros movimentos.

Conhecer e trabalhar na Comunidade do Monte Serrat foi um presente e um desafio que a vida me deu. Lugar cheio de encantos, belezas, segredos e também de dores e lamentos, assim como a própria capoeira, onde aprendi muito, estabeleci trocas de saberes e cresci como ser humano, a partir do difícil exercício de me colocar no lugar do outro. Nessa comunidade, considerada em situação de vulnerabilidade social, entre as possibilidades para se educar, que terão que ser sempre construídas junto com os próprios educandos - pois é com eles e a partir deles, do diálogo com eles, que poderemos achar caminhos - encontrei na Capoeira Angola

uma linguagem que fala com o corpo e através do corpo diretamente, de forma lúdica e ao mesmo tempo muito profunda, trazendo valores para as relações, primando pelo respeito pelo outro no jogo e na vida e pelo trabalho em grupo, o que possibilita a realização da roda de capoeira. Uma linguagem que, por ter uma característica diferente das atividades educativas centradas na cultura letrada, consegue, em minha opinião, propiciar a comunicação de inconscientes, assim como potencializa as inteligências dos educandos, a partir dos movimentos corporais, da ginga, da dança e da música. “Inconsciente que educa o humor, o professor só educa se educando no que diz respeito a isso, é um processo osmótico” (D’AMORIM, 2012).

Neste sentido, os contextos de violência que se estabelecem nas nossas sociedades exigem práticas que permitam não apenas refletir, mas experimentar relações corporais que prezem pela importância do respeito pelo outro, possibilitando perceber o próprio corpo e o do outro, tomando consciência desse corpo, da potência dele.

O corpo é um campo de possibilidades. (...) O moleque que não se aquieta na carteira escolar talvez saiba mais sobre isso do que nós. Já que, com o passar do tempo, inchamos nossas cabeças ao ponto de esquecermos o nosso corpo. As sabedorias inscritas nas gramáticas das macumbas já nos diriam que o movimento é cura. Porém somos resultado de um mundo contrário à mobilidade. Ginga demais, para aqueles obcecados pela “segurança” dos caminhos retos, é um sinal de má conduta (RUFINO, 2019, p. 149).

O corpo! É nele e através dele a intervenção viável, pensar a partir da pele do outro e do diálogo com o outro para gerar processos de arte e educação que possam sensibilizar. É necessário libertar o corpo, é preciso “soltar a mandinga”, experimentar possibilidades presentes nos encantos dele, nos energizando para encarar o mundo e buscar formas mais solidárias de existir e nos relacionarmos, muitas vezes, presentes nesse próprio movimento de liberar, de soltar o corpo. “Mestre Canjiquinha, capoeira, mandingueiro e filósofo já enunciara em uma das suas máximas: “as ideias estão no chão, eu tropeço, encontro soluções”” (RUFINO, 2019, p. 142).

A Capoeira Angola como possibilidade de pesquisa, mostra a riqueza de saberes, onde os e as capoeiristas podem abordar diferentes questões, com foco na musicalidade, no canto e letras das cantigas, na oralidade e histórias dos seus Mestres, ou, como me propus, no movimento do corpo, questões que, mesmo tendo diferentes focos, dialogam e se complementam. Possibilidades que abrem espaço para práticas singulares em diferentes contextos e áreas do saber. Diversidade de pensamento dentro do mesmo tema, assim como é diverso o próprio corpo na ginga da capoeira, a diversidade que se expressa na unidade de um movimento. Gingamos, porém, com nossos corpos (di)versos. A tese “Do Lugar-Entre”

materializa, na intersecção entre Capoeira Angola e Fotografia, o discurso que me toca na Capoeira Angola, que inclui o lúdico, o respeito, a ancestralidade, a liberdade, a brincadeira, a alegria, o axé, a mandinga e a magia presentes nessa arte, materializando no corpo a história, a memória, a beleza, a cultura afro-brasileira e a luta pelo combate ao preconceito.

Apesar das experiências formativas, da e na vida, é também necessário ressaltar o papel da formação acadêmica no meu processo de formação e na tessitura dessa pesquisa, mas ao mesmo tempo me pergunto: qual a possibilidade dos mestres de cultura popular, muitos deles com baixa escolaridade, na inserção da pesquisa, do debate, da reivindicação pelo seu lugar de arte-educador? Vivemos em mundos apartados pela instituição educacional? Ou a educação pode apontar caminhos que nos conectem e nos façam diminuir as lacunas causadas pela exclusão social/existencial? São questões que seguem me inquietando, assim como, por outro lado, segue a roda, segue a ginga e segue a vida. Iê!!



Imagem 74- Quimigrama: Judivânia Rodrigues. Berimbau.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolph Jungers. Capoeira **Angola**: cultura popular e o jogo dos saberes na roda. Salvador: EDUFBA, 2017.

ABREU, Frederico José de. **O Barracão do Mestre Waldemar**. Salvador: Zarabatana, 2003.

ADICHE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única** (tradução minha).

Disponível em:

https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br. Acesso em: 14 jul. 2019.

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

ANDRADE, Cláudia Maria Mauad de Sousa. **Peles Fotográficas: uma reflexão sobre a fotografia sem câmera**. Niterói: PPGHISTÓRIA - UFF, 2014.

ARAÚJO, Paulo Coelho de; JAQUEIRA, Ana Rosa Fachardo. A luta da capoeira: reflexões acerca da sua origem. **Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia**, Niterói, n.24, p. 87-102, 1. sem 2008.

ARAÚJO, Rosangela Costa. Capoeira é tudo que a boca come. *In: Uma Coleção Biográfica – Os Mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA*. Salvador: Edufba, 2015.

ARROYO, Miguel (org.). **Corpo-Infância**: exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. Brasília: Hucitec/UNB, 1987.

BARBOSA, A. M. **Ana Mae Barbosa**: fragmentos de um discurso de amor a arte/educação. Recife: FUNDAJ, 2010. 1 DVD (28 min).

BARBOSA, Juliana dos Santos. Rizomas do Samba: os mediadores de uma cultura. **Revista Tecap – Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**, v. 12, n. 2, nov. 2015.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BASTOS, Flávia Maria Cunha. O pertubamento do familiar: uma proposta teórica para Arte/Educação baseada na comunidade. *In: BARBOSA, Ana Mae (org.). Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.

BATESON, Gregory. 2000[1954]. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. **Cadernos IPUB**, v. 5, p. 35-49.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. *In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRAGA, Geslline Giovana. **A capoeira da roda, da ginga no registro e da mandinga na salvaguarda.** Faculdade de Filosofia, Letra e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP, Departamento de Antropologia. Tese de doutorado, 240f. São Paulo, 2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação com cultura.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

BRAUN, Fernando. **O Surrealismo e a Estética Fotográfica.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

BUCCINI, Marcos. O Instante e o Movimento: a influência da fotografia de Muybridge e Marey. **Cartema**, Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFPE-UFPB, ano 6, n. 6, p. 60-73, 2017.

BUKATMAN, Scott. **Comics and the Critique of Chronophotography, or ‘He Never Knew When It Was Coming!’** Animation. Sage. Disponível em: <http://anm.sagepub.com/content/1/1/83.2006>. Acesso em: 29 set. 2019.

CARNEIRO, Beatriz Scigliano. Cosmococa – Programa in Progress: Heterotopia de Guerra. *In: BRAGA, Paula (org.). Fios soltos: a arte de Hélio Oiticica.* São Paulo: Perspectiva, 2011.

CASTRO JUNIOR, Luís Vitor. **Campos de visibilidade da capoeira baiana: as festas populares, as escolas de capoeira, o cinema e a arte (1955 – 1985).** Brasília: Ministério do Esporte/1º Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social, 2017.

CASTRO, Maurício de Barros. **Na Roda do Mundo: Mestre João Grande entre a Bahia e Nova York.** Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Letras e Ciências Humanas – FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 11, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1998.

CHAVEIRO, Eguimar. Corporeidade e Lugar: elos da produção da existência. *In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (org.). Qual o espaço do lugar?* São Paulo: Perspectiva, 2014.

CORRÊA DOS SANTOS, Roberto. **Modos de Saber, modos de Adoecer.** Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1999.

COUTO, Mia. **Venenos de Deus, remédios do diabo.** São Paulo: Companhia das letras, 2008.

CRAWFORD, Jenifer. Cultura Popular é a solução para a educação. **Jornal O Globo**, p.2, 10 mar. 2016.

CRUZ, Mariléia dos Santos. Escravos, forros e ingênuos em processos educacionais e civilizatórios na sociedade escravista do Maranhão no século XIX. *In: FONSECA, Marcus*

Vinícius; BARROS, Surya Aaronovich Pombo de (org.). **A história da educação dos negros no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2016.

D'AMORIM, Eduardo. **A Capoeira: uma escola de educação**. Recife: Ed. Do Autor, 2012.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Org. Jo Ann Boydston. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

DIAS, Adriana Albert. A mandinga e a cultura malandra dos capoeiras (Salvador 1920-1925). **Revista de História**, v. 1, n. 2, p. 53-59, 2009.

DINIZ, Flávia Cachinesi. **Intervenções da Capoeira Angola na Comunidade do Bate Facho. Salvador (2009-2015)**. Universidade Federal da Bahia – UFBA. Departamento de Música. Tese. 317f. Salvador, 2015.

DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico e outros Ensaio**s. Campinas, SP: Papirus, 1993.

FERREIRA, Bruno Soares. Imagens da Capoeira do Século XIX. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9., 2013, Ouro Preto. **Anais...** Ouro Preto: UFOP, 2013. S/P. Acesso em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/imagens-da-capoeira-do-seculo-xix>.

FINEMAN, Mia. Notes from Underground: The Subway Portraits. *In*: HAMBURG, Maria Morris; RSENHEIM, Jeff L.; EKLUND, Douglas; FINEMAN, Mia (org.). **Walker Evans**. New York: The Metropolitan Museum of Art; Princeton University, 2000.

FLUSSER, Vilém. **Gestos**. São Paulo: Annablume, 2014.

FONSECA, Marcos Vinícius; BARROS, Surya Aaronovich Pombo de (org.). **A história da educação dos negros no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2016.

FRADE, I. N. Paisagens em Movimento: arte popular e processos transculturais na América Latina. *In*: CAMPOS, Fernando; VIEIRA DA SILVA, Sérgio. (org.). **Reflexos da América Latina e do Caribe**. 1 ed. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2017. v. 1, p. 153-168.

FREIRE, João Batista. **De corpo e alma: discurso da motricidade**. São Paulo: Summus, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 6. ed. RJ: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Roberto; BRITO, Fausto. **Utopia e Paixão**. 10. ed. RJ: Ed. Guanabara, 1991.

FREIRE, Roberto. **Sem tesão não há solução**. São Paulo: Trigram, 2000.

FREIRE, Roberto. **Soma: Uma terapia anarquista**. v. 1 – A alma é o corpo. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

GAIARSA, J. A. **A estátua e a bailarina**. São Paulo: Ícone, 1976.

GIL, José. Abrir o corpo. *In*: FONSECA, Tânia Mara Galli; ENGELMAN, Selda (org.). **Corpo, arte e clínica**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.

GIL, José. **Movimento total**: o corpo e a dança. Lisboa: Relógio D'Água Editoras, 2001.

GUIMARÃES ROSA, J. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HADOT, Pierre. **Exercícios espirituais e filosofia antiga**. Tradução de Flávio Fontenelle Loque e Loraine de Fátima Oliveira. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.

HEAD, Scott. Olhares e feitiços em jogo: uma luta dançada entre imagem e texto. *In*: GONÇALVES, Marcos Antônio; HEAD, Scott (org.). **Devires Imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

HELINA, Rautavaara. **Mestre Pastinha** – entrevista 1964 por Helina Rautavaara <https://www.youtube.com/watch?v=hp88iD-O7mQ>. Acesso em: 05 fev. 2016.

INGOLD, Tim. **Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

JACQUES, Paola Berenstein. **Estética da Ginga** : a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

KOFES, Suely; MANICA, Daniela (org.). **Vida & Grafia**: narrativas antropológicas entre biografia e etnografia. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2015.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2. ed rev. São Paulo: Ateliê editorial, 2001.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira da Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, jan./abr., 2002. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_LARROSA_BONDIA.PDF. Acesso em: jun. 2019.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escrito sobre experiência. Tradução de João Warderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LEPECKI, André. Coreopolítica e coreopolícia. **ILHA**, v.15, n.1, p.41-60, jan./jun. 2001-2012.

LUCÍA AÍTA. **A desaprender**: Walter Mignolo, referente del pensamiento decolonial. 2018. Disponível em: <https://www.lavaca.org/notas/a-desaprender-walter-mignolo-referente-del-pensamiento-decolonial/>. Acesso em 16 set. 2019.

LUHNING, Ângela; PAMFILIO, Ricardo. **A capoeira em Salvador nas fotos de Pierre Verger**. Salvador: Fundação Pierre Verger, 2009.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas e pós-cinemas**. São Paulo: Editoras Papyrus, 2011.

MACHADO, Sara A. da M. **Baobá na encruzilhada: ancestralidade, Capoeira Angola e permacultura.** 300 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

MACHADO, Sara A. da M. **Fazeres e saberes na Capoeira Angola: a autonomia no jogo de muleekes.** 240 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

MACHADO, Sara A. da M.; ARAÚJO, Rosângela Costa. Olha é tu que é muleke! Crianças na capoeiragem baiana ao longo dos tempos. *In: Uma Coleção Biográfica – Os Mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA.* Salvador: Edufba, 2015.

MARQUES DA LUZ, Itaci. Sobre arranjos coletivos e práticas educativas negras no século XIX: o caso da Sociedade dos artistas Mecânicos e Liberais de Pernambuco. *In: FONSECA, Marcus Vinícius; BARRROS, Surya Aaronovich Pombo de. (org.). A história da educação dos negros no Brasil.* Niterói: EdUFF, 2016.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Tradução de José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MELO, Cristina Figueira Bastos. ANDRÉ, Bianka Pires. Arte Popular: Perspectivas Multiculturais para o Ensino das Artes Visuais no Brasil. **Revista Digital Art &**, ano 12, n. 15, nov. 2014.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção.** Tradução Carlos Alberto Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade o lado mais escuro da modernidade. Tradução de a Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, jun. 2017.

MONFORT, Luiz Guimarães. **Fotografia Pensante.** São Paulo: SENAC, 1997.

MONTEIRO. Eduardo Rangel. **A capoeira de Marcel Gautherot.** 103 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Ciência da Arte, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2013.

NETO, João da Mata Rosa Cesse. **A dinâmica de grupo numa perspectiva autogestionária: estudo de caso sobre a Somaterapia.** 423f. Tese (Doutorado em Sociologia Econômica e das Organizações) - Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2013.

NÓBREGA, Antônio. **Fala no I Fórum Catarinense de Cultura e Cidadania.** Florianópolis, abr. 2014.

NOGUEIRA, Simone Gibran. Capoeira Angola de Pastinha: análise do princípio cultural à luz da Psicologia Africana. *In: Uma Coleção Biográfica – Os Mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA.* Salvador: Edufba, 2015.

OITICICA, Hélio. **Programa Itaú Cultural:** Programa Hélio Oiticica – Projeto Hélio Oiticica. 1965. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/programaho/>. Acesso em: 16 out 2019.

OLIVEIRA, Eduardo. Capoeira e Filosofia. *In: Uma Coleção Biográfica – Os Mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA.* Salvador: Edufba, 2015.

OLIVEIRA, Eduardo. **Cosmovisão Africana no Brasil:** elementos para uma filosofia afrodescendente. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006.

OLIVEIRA, Eduardo. **Filosofia da Ancestralidade:** corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Gráfica e Editora Popular, 2007.

PEÇANHA, Cinézio Feliciano. **Gingando na linha da Kalunga:** Capoeira Angola, Engolo e a construção da ancestralidade. Tese (doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

PRIORE, Mary Del. VENÂNCIO, Renato Pinto. **Ancestrais:** uma introdução a história da África Atlântica. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. *In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (org.). Epistemologias do sul.* Portugal: Gráfica de Coimbra, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível:** estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EIXO experimental, 2009.

RANZINI, Rosa Maria. Resenha do livro: o direito à ternura de Restrepo, Luis Carlos **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**, ano 1, n. 2, maio 2004.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola:** ensaio sócioetnográfico. Salvador: Ed. Itapuã, 1968.

REIS, Leticia Vidor de S. **O mundo de pernas para o ar :** a capoeira no Brasil. 2. ed. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.

RESTREPO, Luis Carlos. **O Direito à Ternura.** Petrópolis: Vozes, 1998.

RICUPERO, Rubens. **Palestra sobre Pierre Verger.** Abertura da exposição de Pierre Verger. Todos Iguais, Todos Diferentes? Em exibição no Museu da Imagem e do Som – MIS de São Paulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9LIetuzHC7k>.

RODRIGUES, Judivânia M. N. **Retratar-se-Retratando:** processos de formação na ação artística. 2013. 216 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

ROUILLÉ, André. **A fotografia entre documento e arte contemporânea.** São Paulo: editora Senac, 2009.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2018.

SANTOS, André Luiz. **Do Mar ao Morro: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis**. 639 f, 2009. Tese (Doutorado) - Departamento de Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SANTOS, Eunice Ribeiro dos. **Pierre Verger: o fotógrafo da cultura popular, influências estéticas e estilos**. {S.l.: s.n.}, 2010.

SANTOS, Lau. **Um Griot e dois Orikis O Rei do Orocongo [livro 1]**. Florianópolis: FCC Edições, 2014.

SCHARF, Aaron. **Art and Photography**. Batmore, Maryland: Penguin Books, 1979.

SILVA, Everson Melquiades Araújo. **A experiência de ser e tornar-se arte/educador: um estudo sobre história de vida, formação e identidade**. Jaboatão dos Guararapes, PE: SESC, 2015.

SILVA, Renata de Lima. **O corpo limiar e as encruzilhadas: a Capoeira Angola e os Sambas de Umbigada no Processo de Criação em Dança**. Tese (Doutorado) - Departamento de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2010.

SIMAS, Luiz Antônio. **O corpo encantado das ruas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio. RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SOARES, Carlos Eugêncio Líbano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2001.

SODRÉ, Muniz. **Mestre Bimba, corpo e mandinga**. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a Educação: diversidade, descolonização e redes**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOULAGES, François. A fotograficidade. **Revista Porto Arte**, Porto Alegre, v. 13, n.22, maio 2005.

SOUSA, Rosiete Costa. **Cuidado do ser: desenvolver ao ser humano o corpo que lhe falta e a palavra perdida**. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/cuidar-do-ser-039-039-devolver-ao-ser-humano-o-corpo-que-lhe-falta-e-a-palavra-perdida-039-039/20895/>.

TAVARES, Júlio Cesar de. **Dança de guerra – arquivo e arma:** elementos para uma teoria da capoeiragem e da comunicação corporal afro-brasileira. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Tradução Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

TURNER, Victor W. **O processo ritual:** estrutura e antiestrutura. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

TURNER, Victor. Floresta de símbolos. Betwixt and between: o período liminar nos 'ritos de passagem' *In: Floresta de símbolos:* aspectos do ritual Ndembu. Niterói, RJ: EdUFF, 1967. p. 137-158.

VARELA, N. de A. O Desafio da Formação de Recursos Humanos para a Educação através da Arte na América Latina. *In: ENCONTRO LATINO AMERICANO ATRAVÉS DA ARTE*, 1., 1977, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: SOBREART, 1977.

VERGER, Pierre. **ORIXÁS:** deuses Iorubás na África e no Novo Mundo. São Paulo: Editora Corrupio, 1981.

ZONZON, Christine Nicole. **Nas rodas da capoeira e da vida:** corpo, experiência e tradição. Salvador: EDUFBA, 2017.

ANEXO

Entrevista com o Mestre João Grande (realizada em 30/04/2016, pela pesquisadora Judivânia Maria Nunes Rodrigues, em São Paulo).

- Mestre, como foi que você conheceu e começou a fazer a capoeira?

Quando eu tinha 10 anos de idade em Itagi, eu vi um rapaz fazendo o corta capim. Tinha dois senhores na porta da venda tomando uma cachaça, Pedro e Chico, daí eu disse: Chico, você conhece nego nagô? Ele perguntou, o que é nego nagô? não sei, veio da África...Onde é que tem? Não sei, é o pessoal que trabalha em engenho de cana, roçando, cortando cana, e eu sai procurando o que é corta capim no mundo todo. Chegando lá tive que mostrar o facão, ninguém sabia o que é corta capim.

Quando eu tinha 20 anos cheguei na Bahia (Salvador). Naquele tempo eu tinha 10 anos, trabalhava em fazenda, com 20 anos eu fui para Bahia (Salvador). Num dia de domingo, eu vi na roça do lobo uma rodinha. Quando eu cheguei lá tinha a roda, rodando e um cara fazendo o corta capim. Vi o Mestre de João Pequeno, Mestre Barbosa, e eu perguntei: Meu Senhor o que é isso?

E ele disse: é capoeira.

Eu disse Haaa...onde que aprende isso?

Ele respondeu: É Lá em Brota.

No outro domingo eu fui para o Mestre Pastinha. Cheguei lá ele me apresentou o Mestre Pastinha e disse: ele quer aprender capoeira. Ele disse: senta aí, e eu sentei. Eu paguei 20 mil reis naquele tempo, e fiquei pensando cá comigo, esse senhor não sabe nada. Depois ele começou a roda, duas horas começou. Jogou pra lá, jogou com o finado Livinio, daí eu pensei, coisa boa.

Ele disse: terça-feira venha treinar.

Aí eu fui na academia do Mestre Pastinha, vi muita coisa lá, muito jogo bonito, galera bonita, tudo elegante, vadiando ali. Daí daquela época, anos 50, até agora tô na capoeira. A capoeira é uma coisa boa para tudo na vida. A Capoeira Angola é boa para tudo que você fizer na vida.

- O que o Mestre Pastinha e a Capoeira Angola lhe ensinaram Mestre?

Haa! Primeiramente Deus, que me da à experiência, a ciência e todos os orixás, me deram muita coisa boa, e me da ainda. Tudo que eu faço hoje na vida, na capoeira, é inspirado no Mestre Pastinha e nos Orixás, e a natureza, a capoeira é a natureza.

- O Mestre Pastinha comentou alguma vez, ou o Senhor mesmo sabe, de onde vêm esses movimentos da capoeira?

Vem dos bichos, dos animais. Das aves, tudo que se move em cima dessa terra é capoeira. O candomblé, o samba, o maculelê, tudo saiu da Capoeira Angola, mas a maioria das pessoas não faz pesquisa. Com um pé de mato você pode gingar, é tudo com a natureza.

- *Mestre, todos os movimentos que você faz você aprendeu com o Mestre Pastinha?*

Muitos eu criei. Eu gosto de todos os movimentos que eu criei.

- *Cite alguns que você gosta muito Mestre.*

Eu gosto de ahú leque, vai e vem, três ataque, fora. Gosto de passagem de pernas, do corta capim que já tinha, tudo eu gosto. Mas o ahú leque já se perdeu, se você não leva a sério o que o Mestre ensina você esquece. Você treina na academia, vai para casa, tem que treinar em casa, sozinho, vai acrescentando em casa.

- *O Mestre Pastinha dizia que tinha para frear o pé, não bater no outro, e eu também lembro que o senhor falava sempre na academia, lá em Nova York: “faz essa chapa com a perna encolhida”. Por que o senhor sempre fala isso Mestre?*

É pelo respeito que o Mestre Pastinha me ensinou. Não dá uma meia lua que parece que vai derrubar a pessoa, tem que ter freio de corpo. É igual um carro, você anda no carro e a sinaleira fecha você não tem que frear o carro? Pois, a mesma coisa é o capoeirista, freio de corpo.

- *Mestre eu perguntei isso porque estou trabalhando com alunos que gostam muito da capoeira, mas estão em um contexto de muita violência. Então Mestre, eu estou sempre falando desse espaço entre os jogadores como um espaço de respeito. Esse espaço entre eu e o outro Mestre. Como você vê esse espaço?*

É um espaço onde tem muita violência, então você tem que dizer que é para jogar devagar, capoeira é para vida, não para briga. Tem que dizer: eu não quero te machucar e nem que você me machuque. Devagarzinho, porque não quero sujar minha roupa também, não quero sujar a roupa sua. Quando meu pé for pegar em você eu freio, você tem que frear seu corpo também, tem que ter freio de corpo. E se os seus alunos forem muito violentos, você chama eles e diz: Capoeira é uma dança, não é para machucar pessoa nenhuma. Se você deixar ele ser violento, vai crescer violento. A gente não bate nele não, chama a atenção, nada de violência. A capoeira é uma dança, uma dança bonita. A Capoeira Angola é uma dança, arte, profissão e cultura. Você sendo violento, você não aprende nada que a capoeira diz, calma.

Você tem berimbau? Pesquisador: Sim.

Toca o berimbau devagarzinho, para eles jogarem devagarzinho, tim, tim, tim, e se ainda for rápido, o berimbau chama e diz vai devagar, devagar para educar ele ali.

- *Mestre o senhor falou agora que a capoeira é dança, profissão, arte e cultura. Como você vê que ela é arte?*

A Capoeira é arte porque com ela você pode fazer um filme, uma dança, se você quiser fazer um show você faz, é arte, é cultura. É uma cultura sua, é uma cultura minha, e assim, você vai crescendo e passando para os outros também.

- *Mestre, eu quero retomar isso que você falou dessa relação da capoeira com a natureza. Lembro quando você falou em aula desse respeito pela natureza, quando a gente, por exemplo, entra na mata para cortar biriba, fale um pouco sobre isso Mestre.*

É isso mesmo. Quando agente vai no mato para fazer um berimbau, primeiro pede licença para o dono da mata. Pede licença, vai cortar uma biriba, pede licença, porque tem três ou quatro ali, a gente corta uma, as outras ficam chorando, é irmã, fica chorando, é que nem uma família, uma morre, as outras ficam chorando. Ela tem água, é cheia de água, aquela água é o choro dela, quando corta um irmão ou irmã, ela chora. E não pode cortar dez e deixar lá à toa, se precisa de duas, corta duas. Corta uma aqui, corta outra em outro lugar, outra em outro lugar, é assim, para não descasar muito. A biriba leva 20 anos para crescer, quando planta ela, leva vinte anos para crescer. Tem que cuidar.

- *Mestre, e como é esse processo de criar as músicas na capoeira?*

Haa! Criar as músicas você cria para você mesmo. “Foi agora que eu cheguei”, é uma música, você manda aí, e vai criando

Mestre canta: Foi agora que eu cheguei, me chamaram para vadiar, passei por aqui para ver o que é, berimbau me chamou vamos logo vadiar, uma música se criou.

Outra música também, Mestre Canta: Foi agora que eu cheguei, eu vim de Angola, trago força de lá, trago força da terra, trago força do mar, trago força do céu com Bom Jesus de Maria, essa é uma ladainha. Essa eu que criei.

Mestre canta: Eu vim de Angola para vadiar, o senhor me dê licença seu salão para vadiar, para eu vadiar, para eu vadiar, foi agora que eu cheguei com Bom Jesus de Maria, eu criei.

Agora outra. Mestre canta: Quem pede, pede chorando, quem da merece vontade, é triste de quem pede com a sua necessidade, e no céu vai quem merece, na terra vale quem tem, é ladainha. É duro, mas aqui na terra vale quem tem dinheiro. Aqui na terra quem tem dinheiro só não compra a morte. Mas tem que ter uma força espiritual, porque o dinheiro não é tudo.

A Capoeira Angola o dono dela é seu Ogum, seu Ogum é quem manda em tudo na Capoeira Angola, ele é o rei da Capoeira Angola. Tem os outros todos, mas ele é o chefe. Iemanjá, Oxum, a cabaça é de Oxum, cabaça amarelinha é de Oxum, a mata é dos caboclos, de Oxóssi. A Capoeira Angola é rica de tudo, até o carro, o pneu do carro, que dá o arame.

- *E antigamente Mestre quando não tinha carro, como fazia o arame?*

Fazia com o cipó de Imbé. É um pé de árvore muito alto. E dá som. Ele rama. Corta ele, tira a casca dele e usa no berimbau.

- *Mestre é tanta sabedoria que o senhor tem sobre a Capoeira Angola, que vou deixar o senhor falar sobre o que desejar e principalmente suas vivências com o Mestre Pastinha.*

Com o Mestre Pastinha eu aprendi tudo, graças a Deus. O golpe da aranha, que é um movimento, ele ensinou para mim e para João Pequeno, e também para todo mundo na academia dele, mas ninguém cresceu. Eu e o João Pequeno, a gente não esqueceu mais, mas eu ensinei na academia e a maioria não pegou. Até hoje eu tenho esse movimento comigo,

nunca esqueci. O sapinho com a mão para cima, você viu? Pois ele também me ensinou aquilo, e eu conservo aquilo.

- E esse golpe da aranha Mestre, hoje em dia as pessoas fazem?

Não. A maioria não sabe. Mesmo os Mestres antigos da Bahia não sabem. Muitos movimentos se perderam, e hoje em dia muitos mestres só querem vuco vuco e pular pra lá e pra cá, e não leva a movimento a sério, não dão valor. Amanhã depois disso é ruim para eles mesmos, e eles não sabem disso. Capoeira ensina muito e é com o corpo. Nós somos a água, o vento, a água é o nosso suor, o canto é dos passarinhos, compreendeu?

Pesquisador: Sim.

O nosso balanço do corpo é o vento, a água é o nosso suor, e o nosso canto vem dos passarinhos, tudo tem relação com a natureza.

- Mestre, ouvindo o Senhor falar, eu vejo que o senhor é uma das fontes do saber da Capoeira, que aprendeu com o Mestre Pastinha e com outros grandes mestres da Capoeira.

É, aprendi também com Cobrinha Verde e outros. Mestre Pastinha é meu Mestre, meu pai e meu avô de capoeira. Mestre Cobrinha Verde a mesma coisa. Esse rolê, que da ahu com rolê, foi Cobrinha Verde que me ensinou. Mestre Waldemar me deu em palavras, Mestre Livinio, Mestre Noronha, me deram em palavras, faça isso, isso e isso. Eu sentava assim com o Mestre Pastinha, quando não estava trabalhando e ficava na janela, na academia, e ele ficava me passando, é isto, é isto, é isto.

- Mestre e como era naquela época os jogos, os mestres se respeitavam no jogo, como era?

Sim, eles se respeitavam no jogo. Quando tava os Mestres na bateria, os alunos respondiam o coro, mas não cantavam não. Hoje mudou bastante. A Capoeira Angola era uma coisa muito bonita com os antigos, ainda é bonita, mas sabendo jogar, não chutando e batendo. Eu não gosto de capoeira assim não. Eu gostei aqui do movimento dos alunos do Mestre Marrom e do Mestre Plínio. E eu gostei principalmente porque eles são como uma família. E isso é capoeira, somos irmãos. É aí que a capoeira cresce, com união, um ajudando o outro. É o espírito da capoeira, um ajudando o outro.

- Mestre, tem um jogo famoso do senhor jogando com Mestre João Pequeno, sem camisa os dois, lembra que esse jogo foi filmado? Eu vi na internet e fiquei curiosa para saber se esse jogo foi filmado por acaso ou vocês sabiam, estavam preparados?

A gente tava preparado. Foi o pulo do gato. Jair Moura que preparou tudo. Quando for na Bahia procure Jair Moura, ele sabe muito sobre a capoeira, ele é pesquisador, escritor, sabe muito sobre a Capoeira. Como o Mestre Fredi, o Jair Moura é Mestre também, mas são mestres de pesquisa sobre a capoeira.

- Mestre, sei que o senhor está bem cansado, foram muitos workshops aqui no Brasil. Eu só queria agradecer sua presença no Brasil e também essa entrevista que o senhor me deu. Faziam sete anos, desde a última vez que eu encontrei o senhor, e fiquei muito feliz de te encontrar novamente e quero ainda encontrar mais vezes.

Sim, com a força de Jesus.

Olha aqui, agora você já sabe. Não deixe os seus alunos fazer violência não. Mas não chame eles no meio de gente não. Chame ele num canto e converse, diga para ele não fazer isso porque é muito feio. Nunca chame a atenção dele no meio das pessoas, mesmo quando um esta tocando na bateria e não estar certo, fale assim, devagarzinho, e ensine que tá errado, mas não fale alto que tá errado na frente de todo mundo. O Mestre Pastinha me ensinou a corrigir as pessoas assim, o Gunga chama ali, devagarzinho e você diz para a pessoa, sem humilhar na frente dos outros. É assim que se ensina.

Outra coisa importante, o pandeiro pode dobrar, agogô pode dobrar, reco-reco pode dobrar, o berimbau pode dobrar, mas a conga não, a conga sempre só um, dois, três, só marcando.

- Mestre os meus alunos lá de Florianópolis gostam muito de música. Na comunidade deles têm até escola de samba, Eles gostam também de escrever letra de música para cantar na capoeira, o que o Senhor acha disso.

Pois deixe eles criarem. A capoeira ela tira até a pessoa de vícios, a capoeira é uma coisa muito boa. Ela que me deu um caminho bom.

Com um abraço finalizo a entrevista.